

LIVROS

A INVENÇÃO DO VELHO NA INVERSÃO DO NOVO

Os Candomblés de São Paulo, a Velha Magia na Metrópole Nova, de Reginaldo Prandi, São Paulo, Editora Hucitec, 1991.

Fernando A. Novais

O que antes de tudo nos atrai neste livro de Reginaldo Prandi (sua tese de livre-docência na FFLCH da USP) é a sensibilidade na escolha do tema e a fecundidade do tratamento a que o submeteu. De fato, ao eleger as práticas de candomblé em São Paulo como foco de suas preocupações, assediando-as com rigorosa análise sociológica, o autor logrou combinar num só trabalho e a um só tempo algumas das mais importantes vertentes das ciências sociais no Brasil e no mundo.

É conhecida a tendência da sociedade contemporânea, em várias regiões e sobretudo nas novas gerações, para a readerência às mais diversificadas práticas religiosas, e, reversivamente, a volta na sociologia acadêmica da reflexão sobre o sagrado nas suas múltiplas manifestações. De outra parte, em nosso país, vivemos claramente um momento de forte retomada dos movimentos negros, e, entre os cientistas sociais, associando-se ao centenário da abolição, de expressivo crescimento dos estudos em torno da escravidão e da história do negro. Finalmente, num mundo de estilçamento de Estados e ao mesmo tempo tendências para reordenações confederadas, de revivescência e ao mesmo tempo de amortecimento das nacionalidades, a questão de identidade se impõe como tema relevante porque se constitui em problema candente.

Os Candomblés de São Paulo, analisando as práticas de uma religiosidade por onde se expressa a identidade negra na principal metrópole brasileira, combina, com rara felicidade, essas três vertentes das ciências sociais contemporâneas. O ponto de partida: "O candomblé em São Paulo, como alternativa religiosa sociologicamente expressiva e demograficamente importante, é recente. Sua origem não tem muito mais que vinte anos" (p. 15).

Constatação desde logo inquietante, uma vez que as numerosas análises sociológicas e antropológicas, desde o fim do século passado até recentemente, vêem-no sempre como "religião étnica", "manifestação da cultura negra", característica do Nordeste e particularmente da Bahia; enquanto a umbanda, sua herdeira universalizada, isto é, aberta a todos, para além das diferenças de cor, origem e extração social, era vista como locupletando os espaços sagrados das grandes capitais do Sul, onde a etnicidade está perdida, e os deuses envoltos na trama das relações sociais do capitalismo. Eis que as estatísticas atestam, nos dois últimos decênios, clara inversão das tendências justamente na maior metrópole do país (pp. 22-3). Está formulado o problema, e para desvendar esse "enigma" (cap. 2), o autor saiu a campo, isto é, "à cata dos terreiros": no capítulo 3, em linguagem vivamente narrativa, dá-nos conta do levantamento do material empírico, mapeando toda a região metropolitana e incursionando para fora (até a Cuba) para efeitos de comparação, dos contatos estabelecidos, das entrevistas, experiências, vivências. E aqui está outra qualidade deste livro, ou seja, harmonizar trechos quase coloquiais com sofisticadas análises sociológicas, recompor entrevistas e discutir a bibliografia, jogar com a parte e o

tudo, mostrando o significado mais geral do segmento especial recuperado, exatamente como o candomblé foi se universalizando ao florescer na grande cidade cosmopolita.

E é exatamente esta como que identificação com o objeto que permite a Reginaldo Prandi, nos capítulos que se seguem (caps. 4 a 6), recompor o percurso dos deuses africanos nesta terra da Santa Cruz: depois de constituídos os cultos nordestinos, a migração para a capital federal e depois para São Paulo, metamorfoseando-se na umbanda, em contato com o kardecismo (primeiro movimento, do candomblé à umbanda).

E, finalmente, nos últimos decênios, especialmente em São Paulo, a extraordinária reconversão ao candomblé, mantendo a "pureza" da forma, mas abrindo-se em religião universal. Detendo-se neste segundo universo (caps. 7 a 15), descreve o campo em toda a sua complexidade, reconstrói as crenças, recupera os ritos, e finalmente decodifica as mensagens. Ao fazê-lo, remete o leitor a uma visão compreensiva da vida religiosa dos candomblés paulistanos atuais, encaminhando uma resposta particularmente convincente do problema inicialmente formulado. Essas duas dimensões (recuperação do universo e sua explicação sociológica) não se dissociam no texto; ao contrário, mesclam-se permanentemente, criando uma forma enriquecedora de análise. De fato, passa ao leitor a sensação de que a trajetória do pesquisador conduziu às explicações, ao mesmo tempo em que o esquema analítico orientou a pesquisa.

De fato, é essa reconstrução analítica enriquecida que permite equacionar de forma compreensiva os movimentos acima indicados: a mutação do candomblé para a umbanda e a reconversão desta ao candomblé aparecem, então, conectadas a dois momentos particularmente decisivos da sociedade brasileira contemporânea (a partir dos anos 20), ou seja, a constituição da moderna sociedade de classes (a ordem social competitiva, como diria Florestan Fernandes) e a falência completa das aspirações e promessas inscritas nesse processo, cuja desilusão é naturalmente mais sentida no seu ponto extremo, isto é, a metrópole paulistana. Nas palavras do Autor: "a umbanda é religião de um modelo novo de sociedade como o fora antes o kardecismo"; o "candomblé, como religião de massa, significa um sentido de que aquela sociedade antevista pela umbanda não deu certo, mas

que a retomada está disponível". Pois, "nestes casos, ou adia-se a promessa, ou constrói-se uma outra religião", uma vez que "a dimensão simbólica do sagrado não atravessa a história impune e intocada" (p. 62).

É ainda o tipo de análise empreendida na reconstrução das práticas que permite iluminar o sentido daquela "disponibilidade" a que alude a citação: apanhado, num mesmo movimento, a unidade da diversidade, intenta configurar a forma daquelas manifestações, para além dos vários conteúdos. Assim, o candomblé, como religião a-ética e ritual, em contraposição às éticas salvacionistas, abre espaço para amainar as carências dos homens desiludidos do capitalismo selvagem da metrópole periférica. Noutros termos: "O candomblé pode ser a religião ou a magia daquele que já se fartou da transcendência despedaçada pelo consumo da razão, da ciência e da tecnologia, e que se encontrou desacreditado do sentido de um mundo inteiramente desencantado — e candomblé será aí uma religião a-ética para uma sociedade pós-ética. Mas também pode ser a religião e a magia daquele que sequer chegou a experimentar a superação das condições de vida calçado por uma certa sociabilidade do 'salve-se quem puder', onde o outro não conta, e quando conta, conta ou como opressor ou como vítima potencial, como inimigo, como indesejado, como o que torna demasiado pesado o fardo de viver num mundo que parece ser por demais desordenado — e o candomblé poderá ser então uma religião a-ética para uma sociedade pré-ética" (p. 217).

Capacidade de amainar as carências significa, na verdade, aptidão para preencher o "distanciamento deste mundo proletário e subproletário das grandes metrópoles, distanciamento simbólico-ritual e comunitário, cuja referência imediata é o grupo de culto, e cujo alcance se propõe a ser a sociedade laica, aí onde, na vida cotidiana, o sentido da religião se concretiza, operando-se então ao movimento de aproximação"; ou do distanciamento "deste mundo de brancos em relação ao mundo africano, negro, de origem, como na passagem do século, quando o culto veio a se constituir, na Bahia, em Pernambuco, em Alagoas, no Maranhão" (p. 211). Atente-se bem: é o mesmo candomblé desempenhando diferentes funções em espaços e tempos diferentes, isto é, na torrente da história. E aqui retomamos o ponto fulcral: é a

forma do candomblé que explicita essa sua extraordinária labilidade. Religião a-ética, ritualística e mágica, é também uma religião de serviços, o que possibilita a distinção e a articulação entre o núcleo constituído pelo "povo-de-santo", originário e limitado, e a auréola de clientes adventícia e ilimitada. E por aí tocamos nas fronteiras de sua magia: con-

seguir preservar e expressar sua identidade negra no momento mesmo em que se universaliza. Mas, com isto, já vamos abandonando o texto de Reginaldo Prandi.

Fernando A. Novais é professor do Departamento de História da USP.